

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS**

GABRIELA DE SOUZA BERNARDES

**CULTURA INDÍGENA KAINGÁNG NO ENSINO DE ARTES VISUAIS:
UM MATERIAL DE APOIO**

Porto Alegre

2023

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS**

GABRIELA DE SOUZA BERNARDES

**CULTURA INDÍGENA KAINGÁNG NO ENSINO DE ARTES VISUAIS:
UM MATERIAL DE APOIO**

Trabalho de conclusão de curso como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Orientadora: Profª Drª Paula Mastroberti

Banca examinadora: Prof. Drª Dorcas Weber e Profª Drª Andrea Hofstaetter

Porto Alegre

2023

Esta Universidade já me viu chorar!

Chorar de vir.

Chorar de rir.

E agora,

Chorar de ir embora!

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pelo apoio emocional e financeiro que me deram durante toda minha trajetória escolar, muito obrigada.

A minha irmã e ao meu cunhado, por fazerem da casa deles a minha também, sem esse apoio essencial, não teria concluído a graduação.

Ao meu namorado, por toda ajuda com as tecnologias e as ideias mirabolantes que tive no meio do caminho.

Aos meus professores, que sempre estiveram dispostos a me ajudar frente às minhas dificuldades!

A professora Paula Mastroberti, pela compreensão e apoio durante a graduação e durante a realização desta pesquisa.

Por fim, agradeço principalmente à vida, por ter voltado a fazer sentido. Ao céu que voltou a ser azul, ao sol que novamente iluminou meu coração. Quando o mundo voltou a ter cor, eu também voltei!

RESUMO

O presente trabalho procura conhecer mais sobre a história da comunidade indígena Kaingáng, suas lutas e suas produções artísticas tradicionais, além de sua presença na arte contemporânea. A seguinte pesquisa preza por uma abordagem respeitosa, material de apoio de qualidade que pudesse ser usado por professores de artes na produção de aulas, atividades e projetos.

Para isso, realizei o desenvolvimento de duas plataformas: o perfil @culturakaingangnaescola no Instagram, onde será feita a divulgação do projeto de forma rápida, criativa e descontraída e o site (em construção) na plataforma Wix, que conterà informações mais aprofundadas, indicações de livros, vídeos e artigos e, finalmente, a *newsletter*, através da qual pretendo enviar, periodicamente, materiais exclusivos sobre o tema aos inscritos.

Palavras-chave: Kaingáng; arte indígena; Lei 11.645; material de apoio; cestaria.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Terras Indígenas Kaingáng no Sudeste e Sul do Brasil.	6
Figura 2: Meu ninho.	10
Figura 3: Ninho Kaingáng.	10
Figura 4: Pintura Kamé e Kaingáng.	11
Figura 5: Cesto Kamé e Cesto Kairu.	12
Figura 6: Cestos Marajoaras. Fonte: Foto da autora.	13
Figura 7: Cocar. Fonte: Foto da autora.	14
Figura 8: Flechas. Fonte: Foto da autora.	14
Figura 9: Ocas. Fonte: Foto da autora.	14
Figura 10: “Atenção área indígena”.	17
Figura 11: Progresso.	18
Figura 12: Na foto, Tadeu e Sheilla.	19
Figura 13: Barão de Antonina.	20
Figura 14: Xilogravura de Vera Kaingáng.	22
Figura 15: Pintura corporal Kaingáng - Vãngri pintando Fernanda Kaingáng.	23
Figura 18: Página inicial.	26
Figura 19: Como o site pode ajudar.	26
Figura 20: Publicações já feitas.	27
Figura 21: A dualidade Kaingáng.	27
Fonte: Arquivo pessoal.	27
Figura 22: Conheça o Coletivo Kókir.	28
Figura 16: Instagram. Fonte: Arquivo pessoal.	29
Figura 17: Newsletter. Fonte: Arquivo pessoal.	30

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1. O CONTEXTO GEOGRÁFICO E A HISTÓRIA DO POVO KAINGÁNG.....	5
1.1 ZONA TERRITORIAL.....	5
1.2 A DUALIDADE DO POVO.....	8
1.3 A LENDA DO PRIMEIRO PAJÉ.....	8
1.4 GRAFISMOS E CESTARIAS.....	9
CAPÍTULO 2. O ENSINO DE ARTES.....	13
CAPÍTULO 3. OS KAINGÁNG NA ARTE CONTEMPORÂNEA.....	17
3.1 UM NOVO OLHAR: ARTISTAS E COLETIVOS PARA CONHECER.....	19
3.1.1 COLETIVO KÓKIR.....	19
3.1.2 FERNANDA KAINGÁNG.....	20
3.1.3 VERA KAINGÁNG.....	21
3.1.4 VÃNGRI KAINGÁNG.....	22
CAPÍTULO 4. MATERIAL DE APOIO.....	24
4.1 A INTENÇÃO DO PROJETO.....	24
4.2 O SITE: CULTURA KAINGÁNG NA ESCOLA.....	24
4.2.1 PROTÓTIPO DO SITE.....	25
4.3 DESEJOS E POSSIBILIDADES.....	28
4.3.1 INSTAGRAM DE DIVULGAÇÃO.....	28
4.3.2 NEWSLETTER.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	32

INTRODUÇÃO

Quando me perguntam por que escolhi a Licenciatura em Artes Visuais, sinto entrar em uma máquina do tempo, desembocando no dia em que tudo aconteceu. Sim, em apenas um dia decidi o rumo de minha carreira. À época, estava ainda no cursinho pré-vestibular, desabafando com minha professora de literatura, Nadja Ribeiro, sobre minhas inseguranças com o vestibular, até então havia optado pela graduação de Geografia, pois sempre amei temas ligados à natureza, territórios e política. Para mim, Geografia parecia um curso perfeito, porém, sempre tive problemas com ciências exatas, que são as matérias com maior peso no vestibular, e provavelmente não passaria.

Foi então que Nadja me perguntou se eu nunca havia pensado na possibilidade de fazer a graduação de Artes Visuais, pois era uma área muito ampla e que, de várias maneiras, se relacionava com os temas pelos quais eu me interessava na Geografia; comentou, também, que admirava minha sensibilidade para a Literatura, e que outros professores haviam, também, falado positivamente sobre minhas análises das leituras de imagens. Nesse dia, fui para casa e não consegui pensar em outra coisa, entrei no site da UFRGS e li o currículo do curso: não teve mais jeito, me apaixonei. Foi nesse acaso que cheguei até aqui, concluindo a minha graduação e contando essa história. O acaso é uma das coisas que mais me encanta na vida, uma simples conversa pode mudar uma trajetória inteira.

Entretanto, nem tudo são flores, passei por várias dificuldades durante a graduação, por problemas pessoais e crises profissionais, e não sabia mais se era isso que eu queria. Desenvolvi pavor da escola, não conseguia ouvir a palavra “estágio”, que sentia arrepios, achei que não seria capaz de atravessar essa fase. Mas algo me manteve aqui, firme, então, em março de 2022, resolvi encarar o estágio.

Foi com uma turma de 2º ano do ensino médio, no Instituto de Educação General Flores da Cunha, que eu me senti viva outra vez, foi ali que tudo fez sentido, foi ali que eu agradei ao que me manteve firme, foi ali que agradei a mim mesma pela coragem. Como em um batismo, mergulhei em sala de aula – cheia de medos, culpas e dúvidas – e, quando emergi, emergi renascida. Mais uma vez, um dia mudou tudo.

Após esse “renascimento”, me dei conta do tempo que havia passado, das tantas coisas que aconteceram entre 2017 e 2022, e agora eu estava no final da graduação, sem entender quem eu era, sobre o que eu gostaria de falar e o que era importante pra mim. Aos poucos, fui juntando as peças da minha trajetória, reunindo as coisas que eu mais gostei na universidade e o que eu já me interessava antes, assim, fui ficando em paz, confiando que encontraria a clareza no momento certo.

Foi então que tive contato com uma comunidade Kaingáng que estava de passagem pela minha cidade e lá ficaria alguns dias para vender seus artesanatos. Fui ao encontro deles para comprar alguns produtos, mas acabei por levar pra casa muito mais do que isso, esse foi mais um dia que mudou tudo. Durante os dias em que eles estiveram em Santo Antônio da Patrulha, minha terra natal, localizada no litoral norte do Rio Grande do Sul, eu também estive lá. Aqui, vale mencionar que sempre fui uma amante dos fazeres manuais e produzo macramê há algum tempo, onde reproduzo técnicas da cestaria indígena nos fios. Nesses dias que passamos juntos, trocamos muito, eles me ensinaram muitas técnicas e eu os ensinei outras, e foi exatamente nessa troca que a relação que minha professora Nadja Ribeiro traçou entre a Geografia e as Artes fez todo sentido: a Terra e a Cultura se misturam o tempo inteiro, elas ocupam o mesmo espaço. Como comenta Ailton Krenak, nós precisamos parar de desassociar as coisas para adiar o fim do mundo (KRENAK, 2021).

Depois desse dia, eu não poderia escrever sobre outro assunto no meu Trabalho de Conclusão de Curso, havia de ser esse. A vida foi acontecendo e acreditando muito na sutileza das coisas, fui percebendo os sinais, sinais estes que quando estamos atentos, conseguimos compreender. A coisa mais bela que a arte nos proporciona, em minha opinião, é a sensibilidade. O presente trabalho pretende apresentar um olhar sensível e atento para as manualidades indígenas e a tudo que elas têm para nos ensinar sobre a vida, o tempo, a terra e a arte.

Após esse momento de certeza, era hora de entender qual seria a questão norteadora da pesquisa, qual era meu chamado e onde estava a importância de trazer esse tema específico em um momento tão importante quanto o do Trabalho de Conclusão de Curso. Nesse processo de questionamento dos “porquês”, acabei por revisitar memórias da minha época de estudante na escola, com o objetivo de recordar de que maneira a cultura indígena era trabalhada e, chocada, concluí que essa memória não existe. Não porque

esqueci, mas porque ela nunca aconteceu. Os povos indígenas eram citados muito vagamente nas aulas de história sobre o descobrimento do Brasil, ou melhor, a invasão do Brasil. Mas, cultura indígena? Talvez uma vez ao ano, quando produzíamos cocares de papel colorido, sem o menor sentido e objetivo didático. Através desse exercício de memórias, fui tomada por indignação e, ao mesmo tempo, por culpa. Pensei: “Bom, daqui alguns meses serei professora também, e mais importante: de artes. Será que saberei tratar desses assuntos de maneira gentil, respeitosa e atualizada?”.

Foi nesse passeio por minhas memórias e desejos que o objetivo do presente trabalho se revelou. Com base na estudante que fui e na professora que almejo ser, decidi criar um material de apoio sobre a cultura indígena Kaingáng destinado a professores de artes. Esta produção teórico-prática nasce do desejo de aprender mais sobre a arte indígena Kaingáng, entendendo seus processos, rituais e singularidades, aproximando nossa história e nossa cultura e, acima de tudo, de meu desejo urgente em contribuir – através da arte-educação – para que esses saberes tradicionais sejam tratados nas escolas de maneira correta, com seriedade e respeito, fugindo dos clichês frequentemente cometidos no Dia dos Povos Indígenas, tal como pontua Werá (2017, p. 101): “O índio que se conhece até hoje, nestes últimos 500 anos, é o índio teatralizado. Infelizmente, para a maior parte da população brasileira, o índio é um personagem, não existe de fato”.

Julgo importante citar a importância da disciplina “Encontro dos Saberes”, onde primeiro o assunto surgiu em minha trajetória e, nela, tive o prazer de conhecer a cultura indígena através de saídas de campo e através dos convidados – de diferentes culturas – que recebíamos em todas as aulas, o que nos levou a conhecer e entender sobre diversas culturas e modos de viver.

O presente trabalho leva, também, em consideração a Lei nº 11.645, que estabeleceu a obrigatoriedade (a partir de 10 de Março de 2008) do estudo da cultura e da história indígena e afro-brasileira no âmbito do Ensino Fundamental e Médio:

[...]

“Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional,

resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.” (NR)
Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

[...] LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

Fernando Haddad

(BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Dispõe sobre a obrigatoriedade do estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2008.)

CAPÍTULO 1. O CONTEXTO GEOGRÁFICO E A HISTÓRIA DO POVO KAINGÁNG

Neste capítulo, considere de imensa importância tratar sobre a circunstância na qual o povo Kaingáng está inserido. Antes de falarmos sobre arte, precisamos falar sobre a história, pois é a partir dela que conseguiremos melhor entender as escolhas estéticas das obras dos Kaingáng, além de seus desafios na manutenção da cultura.

Um dia fomos um país de mais de 1.000 povos indígenas, hoje somos um Brasil de apenas 305. Somos um país que possui 274 línguas indígenas, mas que não se preocupa com o desaparecimento gradativo destas. Nossa diversidade decresce constantemente, nossos povos e nossas línguas morrem junto aos rios, florestas e biomas. A cada rio que seca, uma voz se cala. Somos um país que não se importa com o irreversível, e nunca mais seremos mil povos. Como disse nossa colega Vera Kaingáng (2020), do curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFRGS, em entrevista ao Jornal da Universidade: “Para nós, a mata tem espírito, o sol tem espírito, a terra tem espírito, a água tem espírito. São seres em que a gente acredita e que, quando o homem vai e corta uma árvore, é como se a natureza derramasse uma lágrima”.

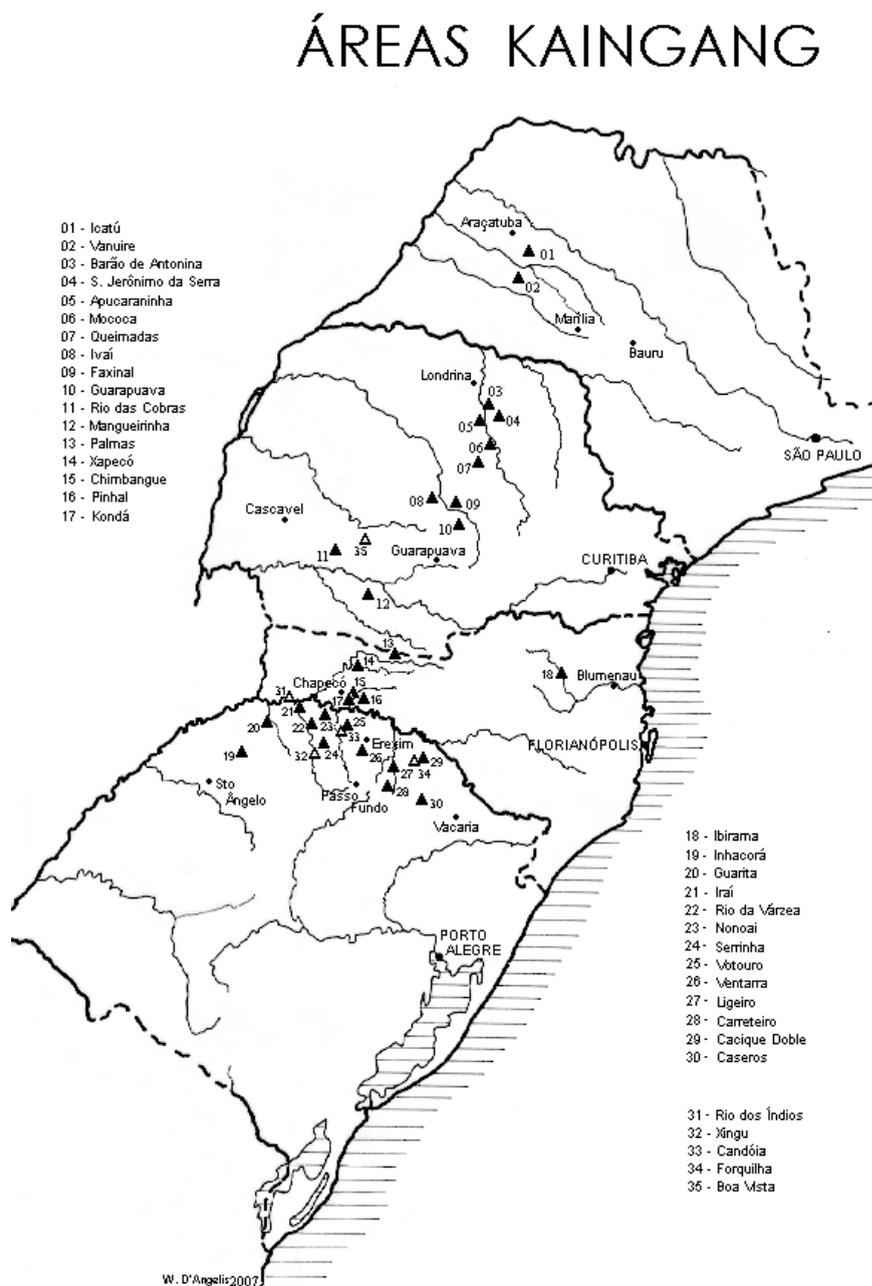
1.1 ZONA TERRITORIAL

Em um país com tantas comunidades indígenas, não podemos cometer o erro da generalização. Os Kaingáng são a terceira comunidade mais populosa do país, tendo aproximadamente 37.470 pessoas (IBGE, 2010). No entanto, a população está distribuída, na sua grande maioria, em quatro estados da região Sudeste e Sul do país, sendo eles São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Mas o fato de estarem presentes em quatro estados não significa que possuem uma extensa zona territorial, quando tratamos de território Kaingáng, não estamos falando apenas de quantidade de terras, bem como discorre Tommasino (2002, p.83-84):

Território, para os kaingang, também é o espaço onde habitam os espíritos de seus ancestrais e outros seres sobrenaturais. É onde estão enterrados seus mortos e onde os vivos pretendem ‘enterrar os seus umbigos’. (...) território é onde vivem segundo regras estabelecidas socialmente e de acordo com o sistema de

codificação simbólica dos elementos naturais e sobrenaturais constitutivos da sociedade kaingang.

Figura 1: Terras Indígenas Kaingáng no Sudeste e Sul do Brasil.



Fonte: Portal Kaingáng. Disponível em: [Portal Kaingáng](#). Acesso em: 11 de Abril de 2023, 20h30min.

Os Kaingáng vivem, hoje, uma disputa política e ideológica em relação a suas terras (indígenas) já demarcadas pelo estado. O que acontece dentro das próprias comunidades é a venda ilegal dessas terras para empresários, que as exploram, geralmente, com extração ilegal de madeira e monocultura de soja. Esse tipo de negociação ilegal é feita por alguns membros das famílias e lideranças indígenas que se corromperam. Esse é um dos principais motivos para o abandono de suas comunidades, visto que a exploração indevida das terras resulta no desaparecimento das florestas, dos espaços de plantio, da diversidade alimentar e dos seus materiais de sustento.

A língua falada pelo povo Kaingáng, que pertence ao tronco linguístico Jê (juntamente com os Xokleng), é uma das características que demonstram a resistência na manutenção da sua cultura, visto que ela é falada em praticamente todas suas TIs (terras indígenas). Os Kaingáng originalmente localizavam-se próximos às matas de araucárias (*Araucaria angustifolia*), nesse tipo de bioma encontram-se sementes, ervas medicinais sagradas, frutas e alimentos tradicionais da cultura milenar Kaingáng. Com o avanço (regresso) do desmatamento para agroindústria e agropecuária, houve o extermínio do ecossistema da floresta de araucárias pertencente ao bioma da Mata Atlântica, que hoje conta com apenas 3% da sua extensão territorial original, que um dia já foi de 200.000 mil km². O que gera o problema de ameaça de extinção de animais endêmicos, ou seja, que só se desenvolvem nesta região; como também, o sumiço de ervas sagradas utilizadas há centenas de anos pela comunidade.

O desequilíbrio das matas gera o desequilíbrio da fauna, que gera o desequilíbrio dos povos. Para falarmos da degradação da cultura, primeiramente precisamos falar sobre a degradação dos locais onde estas foram construídas. Hoje, os Kaingáng se encontram em processo de resgate dos costumes tradicionais que se perderam em função das violências sofridas na busca do direito pelas terras e, além do processo de resgate do que foi perdido, atualmente foca-se na preservação das riquezas que ainda possuem.

1.2 A DUALIDADE DO POVO

O povo Kaingáng é formado por duas metades exogâmicas¹ igualmente importantes: Kamé e Kairu. Elas são completamente opostas uma à outra, mas que se complementam em suas diferenças. Duas partes iguais não podem se casar e, pelo menos até pouco tempo atrás, era preciso sempre ter as duas metades nas relações.

Os Kamé representam o sol, o dia, são a parte mais forte, com aparência vigorosa, já os Kairu representam a lua, a noite, são a metade da sabedoria, da espiritualidade, do xamanismo. Os grafismos que são feitos nas pinturas corporais, como também nas cestarias, tecelagens e utensílios representam essa dualidade. Os Kamé são representados por traços abertos e compridos, já os Kairu têm formas arredondadas e fechadas. Para os Kaingáng tudo que existe sobre a terra é sagrado: rios, montanhas, árvores e animais, além disso, a dualidade está em tudo que existe, alguns animais são Kamé outros Kairu, assim como as plantas e objetos.

1.3 A LENDA DO PRIMEIRO PAJÉ

O fato da comunidade Kaingáng estar espalhada por uma extensão territorial grande e, além disso, ser um dos maiores grupos indígenas brasileiros, faz com que existam diversas versões das lendas sobre seu povo, no entanto, algumas características são unanimidade entre a grande maioria dos contos. Uma dessas versões foi eternizada pela escritora, arte-educadora e artista plástica Vãngri Kaingáng, em seu livro “Estrela Kaingáng: A lenda do primeiro pajé”:

Há muito tempo, quando não existiam pajés nas aldeias de grande parte dos povos indígenas, como os Kaingáng, as pessoas viviam cheias de doenças e tinham poucos remédios.

Certa noite, uma estrela foi à Terra na forma de um belo índio Kaingáng, enamorou-se de uma bonita jovem e casou com ela. O índio, que era uma estrela disfarçada, amava muito sua esposa, não a deixava para nada. Onde quer que fosse, levava sua amada, inclusive nas guerras, junto com os demais guerreiros Kaingáng.

A moça engravidou. Todos na aldeia ficaram felizes. Não houve quem não festejasse. A estrela sentia saudades de sua casa no céu, mas tinha pelo filho amor verdadeiro, pois seria sua herança na terra, uma criança especial para todo o

¹ Na biologia, a exogamia refere-se ao cruzamento de indivíduos pouco relacionados geneticamente.

povo Kaingáng. Por isso não ousava deixar a mulher para nada, muito menos pensava em voltar para o céu e abandoná-la para sempre.

Naquela época, os Kaingáng não sabiam curar doenças, não sabiam que na mata, em árvores muito diferentes umas das outras, havia segredos, e que poderiam aprender a fazer remédios com ervas da floresta e curar seus males.

O povo ainda não percebia, nem imaginava o quão poderosa seria aquela criança, porém, os espíritos maus já tinham percebido. Conhecedores do poder do bebê, ainda no ventre da mãe, resolveram atacá-lo. Estavam dispostos a fazer de tudo para impedir seu nascimento. Mas o Índio Estrela protegia os dois.

Várias vezes os espíritos do mal apareceram na casa querendo fazer maldades para a mãe e para a criança, mas seu pai, que era também poderoso, livrou os dois. Foram lutas difíceis e demoradas; por isso, cansado de tanta investida dos espíritos maus, resolveu convidar a esposa para morarem no céu, junto com a Mãe Lua e o Pai Sol. [...] (KAINGÁNG, Vãngri, 2016, p.3).

1.4 GRAFISMOS E CESTARIAS

Este capítulo é, para mim, como professora de artes – e amante dos fazeres manuais, principalmente das técnicas de tecelagem e cestaria que sempre estiveram na minha produção artística e na minha vida –, essencial, afinal, também foram as práticas que me levaram na direção desse trabalho e ao encontro que tive com os Kaingáng, em minha cidade natal. Através das produções manuais, me conecto com a cultura Kaingáng e consigo construir paralelos com meus próprios fazeres. Em um fatídico dia foi assim: eu recentemente havia produzido uma peça em macramê, a qual chamei de “ninho”, e acabei me encantando por uma produção recém feita pelos Kaingáng que, coincidentemente, também era um ninho.

Figura 2: Meu ninho.



Fonte: Foto da autora.

Figura 3: Ninho Kaingáng.



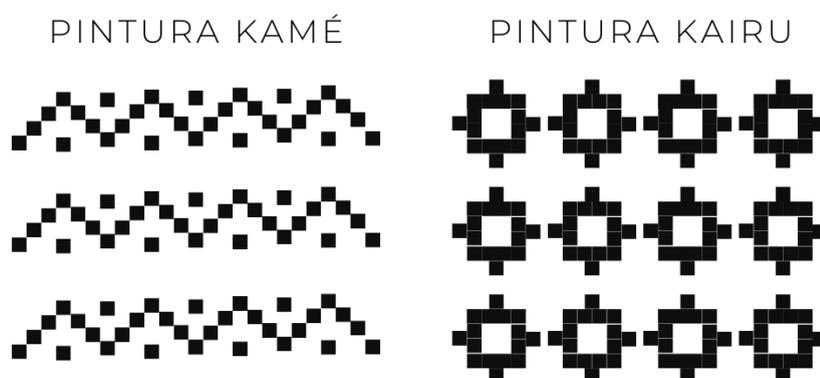
Fonte: Foto da autora.

Atualmente, a produção artística – feita majoritariamente a partir de cipó e taquara seca – é uma das principais fontes de renda para o povo Kaingáng, além de ser uma forma de manutenção da sua cultura. No encontro que tivemos nesse dia, perguntei a eles como fazem para que as peças não criem pragas os como cupins, então eles me contaram que isso é evitado já na colheita da matéria prima, que deve ser retirada da natureza na época correta, assim, tornando-as pouco atrativas para esse tipo de inseto.

A dualidade citada anteriormente faz parte de toda cosmologia do povo, é um aspecto sociológico de tudo que envolve ser Kaingáng, inclusive em suas produções artísticas, podemos observar as duas metades, Kamé e Kairu, nas pinturas corporais. Os Kaingáng são uma comunidade patrilinear, onde a metade a qual se pertence é herdada do pai. As pinturas corporais são feitas para representar sua metade.

Nos corpos a cosmologia Kaingáng vem representada através das pinturas de grafismos. Os Kamé utilizam traços retos e abertos, já os Kairu são representados por formas fechadas e arredondadas.

Figura 4: Pintura Kamé e Kaingáng.



Fonte: Arquivo pessoal.

Esses grafismos se repetem nas cestarias, influenciando também nos seus formatos. Cestos Kamé geralmente são quadrados e com a boca mais aberta, já os cestos Kairu são redondos e ovais, mais fechados ou com tampas.

Figura 5: Cesto Kamé e Cesto Kairu.

CESTO KAMÉ



CESTO KAIRU



Fonte: [Redalyc](#). Acesso em: 20 Abr. 2023, 03h13 min.

CAPÍTULO 2. O ENSINO DE ARTES

Enxergo como uma responsabilidade de toda sociedade que se trabalhe, reflita e debata questões urgentes como a preservação dos povos indígenas, de sua cultura e da natureza. Acredito que não devemos depositar nos povos indígenas – bem como as demais comunidades que sofrem discriminação e preconceito – o fardo de ensinar e explicar, a todo tempo, sobre seus modos de ser, fazer e viver. Acredito que nós, educadores, temos uma responsabilidade ainda maior, que é a de intermediar conhecimentos. Dentre as diversas ramificações existentes sobre povos indígenas Kaingáng, a disciplina de artes faz um recorte da cultura, para que ela seja conhecida e, acima de tudo, respeitada pelo enorme valor que tem.

Durante meu processo de estágio obrigatório e atualmente como monitora na escola Municipal de Ensino Fundamental Pedro José de Borba (da rede pública do município de Caraá, RS), tive a chance de ver trabalhos que foram feitos com os estudantes, sendo o mais recente deles para o Dia dos Povos Indígenas de 2023. Nessa atividade, foi escolhido trabalhar os povos Marajoaras e, para isso, foi proposto que colorissem uma impressão de um cesto tradicional Marajoara. Também foram produzidos cocares de papelão com penas em papel, arcos e flechas de galhos, como também Ocas:



Figura 6: Cestos Marajoaras. Fonte: Foto da autora.



Figura 7: Cocar. Fonte: Foto da autora.



Figura 8: Flechas. Fonte: Foto da autora.

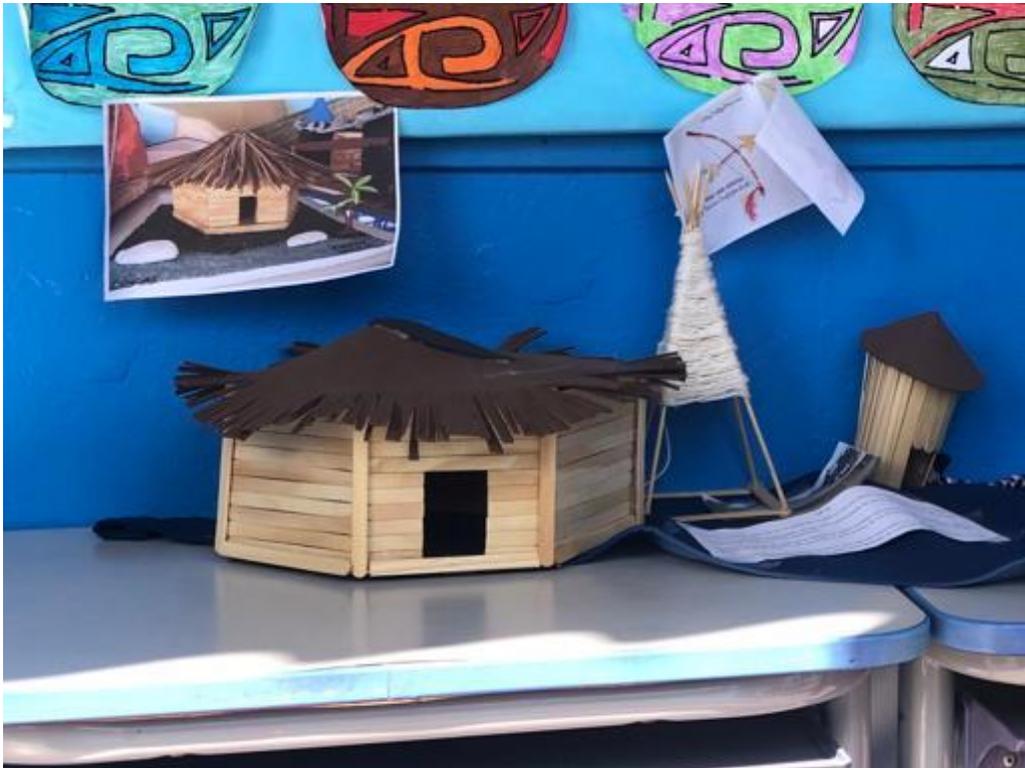


Figura 9: Ocas. Fonte: Foto da autora.

Vale ressaltar, também, que os alunos estavam programados para visitar, poucos dias após a realização desse trabalho, uma comunidade Guarani, isso me faz pensar em porque não foi feita a escolha de trabalhar previamente sobre os povos guaranis, a fim de que tal visita pudesse ser mais proveitosa, de maneira que os estudantes estariam melhor embasados sobre aquela comunidade e, assim, melhor aproveitarem a troca que teriam. Com este exemplo reforço minha preocupação como podemos aproveitar melhor tal assunto em nossa disciplina. Sobre isso, Lucia Gouvêa Pimentel diz:

As Artes Indígenas Contemporâneas devem estar presentes no componente curricular Arte no âmbito do contexto escolar. No entanto, elas não estão presentes na maioria dos cursos de formação de professor@s, tanto nas Licenciaturas específicas da área de Artes, quanto nos cursos de Pedagogia (PIMENTEL, 2021, p. 106).

É necessário que compreendamos a responsabilidade que temos em promover experiências aos nossos estudantes, a fim de que conheçam toda a diversidade dos povos brasileiros, e entendam o mundo que os cerca. Acredito piamente que precisamos começar do micro para o macro, não há problema algum em trabalhar povos os Marajoaras, desde que estes estudantes já tenham tido a oportunidade de estudar a comunidade de suas cidades, como diz nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Arte:

Conhecendo a arte de outras culturas, o aluno poderá compreender a relatividade dos valores que estão enraizados nos seus modos de pensar e agir, que pode criar um campo de sentido para a valorização do que lhe é próprio e favorecer abertura à riqueza e à diversidade da imaginação humana. Além disso, torna-se capaz de perceber sua realidade cotidiana mais vivamente, reconhecendo objetos e formas que estão à sua volta, no exercício de uma observação crítica do que existe na sua cultura (1997, p.19).

É de exímia importância introduzir o tema, trazendo familiaridade com o cotidiano dos estudantes, com o mundo ao seu redor. Considero a arte indígena um convite a fazermos isso, experimentando os materiais vindos da natureza e que frequentemente são utilizados pelos povos indígenas. Com a criação de projetos de ensino, podemos oferecer aos nossos estudantes a oportunidade de conhecerem mais a fundo a cultura indígena e, paralelamente, construírem um repertório artístico a partir de materiais mais diversos, como a argila, pigmentos naturais, tecelagem e trançados. Esse tipo de trabalho também possibilita que se tracem relações entre arte e meio ambiente, principalmente nas escolas

em contextos rurais, como a escola de Caraá, citada anteriormente. Bem como escreve Ana Mae Barbosa:

Por meio da Arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada (BARBOSA, 2008, p.18).

CAPÍTULO 3. OS KAINGÁNG NA ARTE CONTEMPORÂNEA

Muito se fala de artistas indígenas como o artista gaúcho Xadalu Tupã Jekupé (Guarani), que ficou popularmente conhecido nas ruas de Porto Alegre por conta de suas artes em serigrafia, pintura e fotografia, que vêm ganhando a cidade com suas produções, como seus icônicos cartazes “Atenção área indígena”:

Figura 10: “Atenção área indígena”.



Fonte: Gaúcha ZH. Disponível em [ClicRBS](#). Acesso em: 11 Abr. 2023, 21h10min.

Como também o artista, arte-educador, geólogo e curador, Jaider Esbell (Makuxi), natural de Roraima. Jaider, que infelizmente faleceu em 2021, aos 42 anos, deixou enorme legado e contribuição para a valorização da arte indígena.

Pois, se há uma certa unanimidade entre os indígenas, é de que já chega de tanta gente falando pela gente. O que a gente quer é esse espaço da fala. Já passou da hora de falar. E existe hoje uma chance real de nos apresentarmos com dignidade para a sociedade. E o próprio argumento nosso, de que não somos apresentados devidamente, tem de ser combatido com uma apresentação própria, devida (ESBELL, 2018, p.47).

Figura 11: Progresso.



Fonte: Jaider Esbell: Disponível em: Website Jaider Esbell.
Acesso em: 11 Abr. 2023, 21h15min.

Cada vez mais os artistas indígenas vêm ganhando espaço e visibilidade no mercado de arte, por isso este capítulo é dedicado à apresentação do cenário artístico contemporâneo dos Kaingáng, a fim de que nós, professores de artes, possamos construir repertório de referências a serem apresentadas em sala de aula. É de suma importância que compreendamos a relevância dos povos indígenas no mercado de arte atual, que muitas vezes está ligado à reivindicação de um espaço que é deles por direito, assim como se torna uma ferramenta de luta política para o não desaparecimento de suas tradições. A arte indígena não necessariamente está ligada a técnicas contemporâneas de fazer arte, mas sim a técnicas contemporâneas de resistir e de manutenção das tradições.

3.1 UM NOVO OLHAR: ARTISTAS E COLETIVOS PARA CONHECER

Neste subcapítulo, reúno artistas e coletivos que valem a pena conhecer e “ficar de olho”, são pessoas que estão abrindo caminhos e fazendo história, com estilos e bagagens diferentes, mas com um desejo em comum: que seu povo seja reconhecido, valorizado e respeitado. Previamente, o objetivo era entrevistar estes artistas e conversar sobre suas trajetórias no mercado da arte e sobre a importância da presença indígena nesse cenário, mas em função de conflitos de agenda, infelizmente, a realização desses encontros não foi possível. Pretende-se dar continuidade a este plano em um futuro próximo, na intenção de produzir conhecimento e conteúdo para o site (em construção) *Cultura Kaingáng na Escola*.

3.1.1 COLETIVO KÓKIR

Figura 12: Na foto, Tadeu e Sheilla.



Fonte: AIRE: Disponível em: <https://aei.art.br/aire/portfolio/coletivo-kokir/>.
Acesso em: 11 Abr. 2023, 21h20min.

O coletivo Kókir é formado pelos artistas Tadeu dos Santos Kaingáng e Sheilla Souza, ambos professores no curso de Artes Visuais da Universidade Estadual de Maringá (UEM), no Paraná. Em 2022, o Kókir realizou sua primeira exposição, em Amsterdam (Países Baixos), no Consulado do Brasil; a exposição, que tem como nome “Krecidade – Coletivo Kókir de Maringá em Amsterdã” brinca com a palavra *kre*, que em Kaingáng significa “trama” ou “trançado”, com a junção da palavra “cidade”, fazendo alusão à relação dos povos indígenas com as cidades do sul do Brasil.

Kókir significa “fome” na língua Kaingáng, o que representa muito bem, ao meu ver, esse *desejo* de levar arte indígena para o mundo, como também traz a problemática vivida pelo seu povo por conta da degradação de suas terras. Dentro desta temática da fome, o coletivo possui uma obra chamada “Barão de Antonina” (2016), que consiste em um carrinho de mercado com trançados Kaingáng, a obra faz parte do acervo do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM).

Figura 13: Barão de Antonina.



Fonte: MUPA: Disponível em: <[Abril Indígena](#)>
Acesso em: 11 Abr. 2023, 21h25min.

3.1.2 FERNANDA KAINGÁNG

Primeira advogada indígena do sul do Brasil, mestre em direito e doutoranda em arqueologia na Universidade de Leiden, nos Países Baixos, Fernanda foi assessora da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) em 2003. É, também, membro do Inka (Instituto Kaingáng), fundado em 2002, organização na qual dedica-se ao registro, revitalização, conservação e fortalecimento da cultura Kaingáng no Brasil, principalmente na região da Serrinha, situada na região norte do Rio Grande do Sul.

Fernanda está nessa lista por ser uma também uma arte-educadora engajada na divulgação de outros artistas Kaingáng, além de ser uma das ativistas mais influentes no mundo quando se trata de povos indígenas brasileiros.

3.1.3 VERA KAINGÁNG

Vera é estudante de Licenciatura em Artes Visuais no Instituto de Artes da UFRGS e professora na escola da aldeia Fag-Nhin, localizada na Lomba do Pinheiro. Abaixo, um trecho em que ela conta um pouco sobre sua trajetória no Jornal da Universidade, em entrevista de 2020. Vera tem como suas principais linguagens artísticas a xilogravura e o desenho, quase sempre resgatando aspectos da sua cultura.

O trabalho de Vera tem como foco os grafismos, uma paixão pessoal da artista, que vê na sua arte uma maneira de manter essa tradição viva:

O grafismo, dentro das nossas aldeias, do nosso dia a dia, está sendo esquecido pelas comunidades indígenas, até mesmo dentro das escolas. Eu, como professora, trabalho para conhecer, para renovar os conhecimentos a partir dos grafismos, batalhando a partir do estudo e da pesquisa para manter viva essa relação. É uma batalha muito extensa para os Kaingang. É um projeto para a vida toda (KAINGÁNG, 2020).

Vera também destaca sobre esse movimento ainda muito inicial na história da arte de incluir povos indígenas em suas pesquisas: “Só agora os professores e historiadores estão buscando ir mais para dentro da arte indígena. Eles estão fazendo uma redescoberta para reconhecer que dentro da Arte também existe a Arte Indígena”.

Figura 14: Xilogravura de Vera Kaingáng.



Fonte: Flávio Dutra/Jornal da Universidade: Disponível em: <[Encontro de Saberes Ancestrais](#)>
Acesso em: 11 Abr. 2023, 21h30min.

3.1.4 VÃNGRI KAINGÁNG

Vãngri, nascida na aldeia do Ligeiro, é arte-educadora bilíngue, escritora e artista Kaingáng. Faz parte do Ponto de Cultura Kanhgág Jãre, criado pelo Instituto Kaingáng, do qual também é membro. Trabalhou juntamente da Rede Globo de Televisão, no projeto da novela Araguaia, de Walther Negrão, produzindo grafismos indígenas, além de traduzir falas para língua indígena.

Dentre suas obras, Vãngri é conhecida pela produção do balaio gigante, que foi exposto no MAM (Museu de Arte Moderna de São Paulo) em 2013; sendo o maior balaio já desenvolvido pelos diferentes povos indígenas do Brasil (infelizmente não foi possível encontrar registros fotográficos).

Figura 15: Pintura corporal Kaingáng - Vãngri pintando Fernanda Kaingáng.



Fonte: Instituto Kaingáng. Disponível em: [Instituto Kaingáng](#). Acesso em: 11 Abr. 2023, 21h30min.

Vãngri também é autora de dois livros, “Jóty, o tamanduá” (2010) e “Estrela Kaingáng: A lenda do primeiro Pajé” (2016), citado anteriormente, no capítulo sobre origem do povo Kaingáng.

CAPÍTULO 4. MATERIAL DE APOIO

Este capítulo é dedicado ao material de apoio que me propus a produzir, tendo os professores de artes como público alvo. A ideia foi desenvolver um material que compilasse informações seguras e relevantes sobre cultura indígena Kaingáng, a fim de facilitar a produção de eventuais projetos de ensino e planos de aula.

4.1 A INTENÇÃO DO PROJETO

O plano inicial deste trabalho era produzir um material didático para ser usado pelos estudantes, mas, conforme a pesquisa foi sendo desenvolvida, percebi que minha escrita direcionava-se naturalmente aos professores, e tudo fez mais sentido; uma vez que o motivo que incentivou a escolha desse tema, foi meu desejo de trabalhar a cultura indígena na escola de forma respeitosa e criativa.

Outro motivo foi que, durante a produção da pesquisa, percebi o quão difícil é encontrar materiais atualizados sobre o tema, ao que atribuo ser uma das possíveis causas de a cultura indígena ser tão mal trabalhada nas escolas: informações estereotipadas, desatualizadas e preconceituosas. Acredito que organizando um material com informações confiáveis e as reunindo em um só lugar (atualizado com frequência), se poderá propiciar experiências mais positivas e edificantes que fomentem, em sala de aula, reflexões valiosas e a construção de pensamento crítico acerca da cultura dos povos originários.

4.2 O SITE: CULTURA KAINGÁNG NA ESCOLA

Por muito tempo ponderei sobre como gostaria de dividir o que venho aprendendo, sim, “venho”. Não sei tudo, aliás, não sei quase nada. Minha mãe, como boa estudiosa, sempre me disse “quanto mais eu estudo, menos eu sei”, e é assim que eu me sinto em relação ao meu trabalho. Mesmo assim, não consigo parar, e quanto menos eu sei, mais quero saber... e também quero que outras pessoas saibam. Acredito que uma das grandes

virtudes de ser professora é ter a alma generosa: é aprender e desejar passar adiante. Aprender para ensinar. Aprender para que o outro aprenda. Assim, sempre. Aprendendo.

Em meio a tantas ideias que me surgiram nessa travessia, a de criar um site tocou mais forte meu coração, pela possibilidade de acesso e alcance de diferentes lugares. Logo no início, descartei a ideia de um material físico, queria algo que pudesse ser mais acessível. O site também me possibilita incluir links, vídeos e fotos com maior facilidade, além de tornar mais prática a atualização com frequência, coisa que não poderia ser feita em um material físico. O site me gera a oportunidade de troca com outros professores, através de um chat, e esse ponto é muito valioso, pois a troca constrói pontes. Também importante é o fato de facilmente ser compartilhado com outras pessoas, e que ambos visitantes possam explorar ao mesmo tempo. No site, consegui organizar abas como “Inicial”, “Publicações” e “Materiais Compartilhados”, tornando-o mais estruturado e permitindo que objetivo do projeto seja de fácil compreensão.

O site contará com itens importantes para essa pesquisa, como: História do povo Kaingáng, dificuldades da atualidade, reflexões sobre a diferenciação de arte e artesanato, produção de cestaria e suas relações com a dualidade Kamé e Kairu, o lugar dos povos indígenas na arte contemporânea, indicações de livros, artigos e teses e artistas Kaingáng para conhecer, dentre outros assuntos.

4.2.1 PROTÓTIPO DO SITE

Link de acesso ao site Cultura Kaingáng nas Escolas:

<https://gabrielabernardesc.wixsite.com/cultura-kaing-ng-nas>

Figura 18: Página inicial.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 19: Como o site pode ajudar.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 20: Publicações já feitas.



Fonte: Arquivo pessoal

Figura 21: A dualidade Kaingáng.



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 22: Conheça o Coletivo Kókir.



Fonte: Arquivo pessoal.

4.3 DESEJOS E POSSIBILIDADES

Desde o início da produção do site, sonhei muito com sua concretização, com seu potencial de crescimento e com as possibilidades que ele pode vir a ter. Hoje, o site ainda está em construção, e assim ficará por muito tempo. Construir algo com propósito exige tempo. Tenho muitos sonhos para esse projeto e os apresentarei a seguir.

4.3.1 INSTAGRAM DE DIVULGAÇÃO

Esta etapa já está sendo desenvolvida, a partir do Instagram que a divulgação do projeto será feita; atualmente, o Instagram é a ferramenta mais potente para fins de divulgação e alcance de número de pessoas, além de que me possibilita a criação de conteúdos mais rápidos e descontraídos, que agucem a curiosidade e o interesse sobre o assunto nos colegas professores.

O Instagram chama-se *@culturakaingangnaescola* e na biografia dele encontra-se disponível o link de acesso para o site, bem como *e-mail* de contato do projeto (isso foi feito com ajuda da ferramenta chamada *Linktree* que permite adicionar links de direcionamento para diferentes páginas, facilitando o acesso diretamente pelo Instagram).



Figura 16: Instagram. Fonte: Arquivo pessoal.

4.3.2 NEWSLETTER



Figura 17: Newsletter. Fonte: Arquivo pessoal.

A ideia da *Newsletter*² surgiu como mais uma ferramenta com o intuito de manter os professores atualizados a respeito da temática; levando em consideração a falta de tempo

² *Newsletter* é um tipo de e-mail informativo com recorrência de disparos. O e-mail não é focado em uma oferta específica, mas pode abordar diversos assuntos.

na vida de muitos professores, ponderei que esta seria uma boa ferramenta para facilitar o dia a dia desses docentes. Eu, particularmente, sou adepta de *Newsletters*, estou inscrita em várias e gosto de receber e-mails com notícias importantes e sugestões de materiais; Considero uma ferramenta que aproxima o leitor e entrega novas informações periodicamente, gerando conexão e rotina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho me transformou, não sou a mais a mesma pessoa que era ao começá-lo. Precisei recalcular a rota algumas vezes para que seu sentido original não fosse perdido. Confesso que, por vezes, durante sua produção, fiquei com medo de ter escolhido o caminho errado e pensei em desistir, mas ter escolhido um assunto tão urgente e delicado tem dessas coisas. Mais uma vez, fui forte, perdi a conta de quantas vezes durante minha trajetória acadêmica pensei que não daria conta, mas segurei as pontas e uma força inexplicável tomou conta de mim.

Quando tudo isso era apenas um sonho, um projeto, desejei mudar o mundo: eu tinha muitos planos, que, com o tempo, entendi que não caberiam em um Trabalho de Conclusão de Curso. Esse foi o momento de entender o que eu conseguiria fazer no curto espaço de tempo que tinha. E foi dessa forma que nasceu o Instagram, o site e a *newsletter*, e só isso já é muita coisa.

Acredito que os objetivos deste trabalho foram cumpridos dentro do que foi possível produzir, mas este não é um trabalho que acabou, ele – na verdade – está apenas no começo. O material de apoio acabou de nascer e esse texto foi sua gestação. Ele é uma nova vida pulsante, à espera de visitas para trocar experiências. Esse material é a solução que busquei encontrar durante meu projeto e espero que ela possa ser útil para outras pessoas, pois esse sempre foi meu maior desejo: compartilhar.

REFERÊNCIAS

Abril Indígena com programação gratuita: MUPA promove oficinas e visitas mediadas às exposições | **Agência Estadual de Notícias**. Disponível em: <[Abril Indígena](#)>. Acesso em: 11 abr. 2023, 21h25min.

Autor dos cartazes de “área indígena” em Porto Alegre, Xadalu agora leva a aldeia para dentro de galerias. Disponível em: <[Xadalu](#)>. Acesso em: 11 Abr. 2023, 21h10min.

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR. Portal do Ministério da Educação do Brasil. Disponível em: <[BNCC](#)>. Acesso em: 07 out. 2022.

BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**: As mutações do conceito e da prática. 4a. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008**. Institui a obrigatoriedade do ensino sobre a cultura indígena nas escolas públicas. Brasília, DF. Disponível em: [Planalto.GOV](#). Acesso em: 11 abr. 2023.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Arte**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. 19p.

Coletivo Kókir – AIRE. Disponível em: <<https://aei.art.br/aire/portfolio/coletivo-kokir/>>. Acesso em: 11 abr. 2023, 21h20min.

ESBELL, Jaider. **Jaider Esbell**. Organização de Sérgio Cohn e Idjahure Kadiwel. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2018.

ESBELL, Jaider. **IT WAS AMAZON**. Disponível em: <<http://www.jaideresbell.com.br/site/2016/07/01/it-was-amazon/>>. Acesso em: 11 abr. 2023, 21h15min.

KAINGÁNG, Vãngri. **Estrela Kaingáng**: A lenda do primeiro pajé. 32p. São Paulo: Biruta, 2016.

WERÁ, Kaká. **Kaká Werá**. Organização de Sérgio Cohn e Idjahure Kadiwel. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2017.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

LAGROU, Els. **A fluidez da forma**: arte, alteridade e agência em uma sociedade amazônica (Kaxinawa, Acre). Rio de Janeiro, Topbooks, 2007.

LIMA, Diogo. **DUAS METADES DE UM POVO, KAMÉ E KANERÚ: MITOS DE ORIGEM KAINGÁNG E SUAS REPRESENTAÇÕES**. 2015. 78 p. UFSC: Florianópolis, 2015.

ORTEGA, A. **A arte Kaingang como encontro de saberes ancestrais**. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/jornal/a-arte-kaingang-como-encontro-de-saberes-ancestrais/>>. Acesso em: 11 abr. 2023.

PIMENTEL, Lucia. **Desafios da inserção das Artes Indígenas Contemporâneas na escola não indígena**. Página 106. 2021. Disponível em: <<https://periodicos.unb.br/index.php/revistavis/issue/view/2436/758>>.

Pintura Corporal Kaingáng – Instituto Kaingáng. Disponível em: <<https://institutokaingang.org.br/pintura-corporal-kaingang/>>. Acesso em: 11 Abr. 2023, 21h30min.

Portal Kaingang. Disponível em: <http://www.portalkaingang.org/index_aldeia_mapa_geral_g.htm>. Acesso em: 11 de Abril de 2023, 20h30min.

TOMMASINO, Kimiye. **A ecologia Kaingang da bacia do rio Tibagi**. Londrina, M. E. Medri, 2002.